

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA SOBRE O DIZER DO PRODUTOR RURAL MATO-GROSSENSE

Débora Pereira Lucas Costa¹

RESUMO

Desenvolvimento sustentável é um enunciado recorrente em conversas, reportagens, palestras, projetos. Assim como a frequência de seu uso, são múltiplas as significações atribuídas a essa formulação. Esse artigo tem como *corpus* de análise cinco recortes de entrevista feita com o presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja-MT). Ao realizar o percurso analítico, mobilizam-se os sentidos de ‘desenvolvimento’ e de ‘sustentabilidade’ em busca da compreensão de como o enunciado significa para a categoria dos produtores rurais de Mato Grosso. O estudo tem a Semântica da Enunciação como principal proposta teórico-metodológica, seguindo preceitos de Eduardo Guimarães.

Palavras-chave: semântica da enunciação, desenvolvimento sustentável, agricultura.

Introdução

Apresentado pelo *site* do governo do Estado como sendo o “celeiro do Brasil, campeão na produção de soja, milho, algodão e de rebanho bovino”, Mato Grosso responde por 35,7% das exportações brasileiras de grãos, em 2019. Os produtores rurais mato-grossenses organizam-se em sindicatos e entidades de classe e uma delas é a Aprosoja-MT.

A associação foi criada em 2005 para representar os direitos, interesses e deveres dos sojicultores. Para a safra 2018/19, a produção de soja em Mato Grosso ficou estimada em 32,50 milhões de toneladas, segundo o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea). O Estado ainda apresenta larga produção em segunda safra ao realizar a rotação de culturas agrícolas (soja, milho e algodão), o que pouco ocorre em outras regiões do país.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat/Sinop). Professora do Centro Universitário Unifasipe. E-mail: deborajor@hotmail.com.

Dada a importância do setor produtivo para a economia brasileira e, em especial, para o Estado de Mato Grosso, interessa-nos compreender os sentidos possíveis para o enunciado ‘desenvolvimento sustentável’, no dizer do produtor rural.

Mobilizar essas palavras justifica-se pelo fato de que juntas elas muitas vezes são empregadas para tratar de preservação ambiental, manutenção de florestas em pé, preservação de rios, reciclagem de lixo, entre tantos outros sentidos possíveis, como aponta Pitombo (2015, p. 201-202): “Desenvolvimento sustentável, formulação presente na prática discursiva da população brasileira que beira as margens do senso comum, sendo formulada em uma diversidade de situações e sujeitos”.

Percebe-se, assim, dois efeitos apontados por Oliveira (2006, p. 23): “de um lado, um esvaziamento dos sentidos paradoxal em relação ao excesso apontado; de outro, igualmente paradoxal, um efeito de unidade que faz com que o sentido da palavra pareça evidente”.

Tomamos como *corpus* de análise uma entrevista com o presidente da Aprosoja-MT (2018/2020), realizada como atividade da disciplina de Semântica da Enunciação, ministrada no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras), da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), *campus* Sinop-MT.

A escolha do entrevistado se deu por se tratar de um agricultor, com propriedades rurais localizadas na região Médio Norte de Mato Grosso, e ser representante de uma das entidades com maior força no setor. Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja) é uma entidade representativa de classe constituída por produtores rurais ligados às culturas de soja e milho, que foi criada em 2005.

O enunciador e os sentidos na enunciação

A partir do entendimento de que a Semântica da Enunciação é uma disciplina que tem como objeto o estudo dos sentidos na linguagem, busca-se compreender como os elementos do enunciado ‘desenvolvimento sustentável’ significam, constituem sentidos, no dizer do presidente da Aprosoja-MT.

O sentido, conforme Guimarães (2006), é tratado de forma diferente nas semânticas, formal, da enunciação e na pragmática. Nessa pesquisa, tomamos o sentido como a colocação em funcionamento da língua pelo locutor.

[...] o sentido de uma frase é resultado do sentido que as palavras têm na língua e que se atualiza segundo as condições de funcionamento da língua no

momento em que ela é posta em funcionamento por aquele que fala [...] o sentido não está na língua, mas no seu funcionamento e tem naquele que fala a fonte do sentido. Assim o sentido não é a relação da frase com as coisas, nem é a intenção daquele que fala em comunicar algo a alguém. O sentido diz respeito à relação daquele que fala com a língua (GUIMARÃES, 2006, p. 117).

O autor afirma ainda que, para a Semântica da Enunciação, o sentido é a relação do funcionamento da língua com suas condições sócio históricas, “o que interessa é que aquele que fala está sempre numa certa posição social, a partir da qual fala” (GUIMARÃES, 2006, p. 117).

Assim, é possível perceber que o enunciado ‘desenvolvimento sustentável’ poderá ter sentidos diferentes em virtude da forma como é utilizado e da relação com as condições sócio históricas de quem o enuncia. A polissemia é um processo fundamental no funcionamento da língua, entendendo que os sentidos sempre podem ser outros.

A polissemia desloca “o mesmo” e aponta para a ruptura, para a criatividade: presença da relação homem-mundo, intromissão da prática na/da linguagem, conflito entre o produto, o institucionalizado, e o que tem de se instituir. É o que pode ser visto por um estudo da linguagem que se volte para o uso, para o processo, para a interação. A tensão constante com o que *poderia ser* (ORLANDI, 2006, p. 137).

Nesse caso, o dizer do presidente da Aprosoja-MT poderia ser outro se a entrevista fosse há alguns anos ou se ele estivesse em outro Estado, se não ocupasse o cargo que ocupa, ou seja, a questão está centrada no sujeito que enuncia, “não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto” (GUIMARÃES, 2002, p. 7).

Torna-se importante destacar, aqui, a noção de enunciação como “um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua”, de acordo com Guimarães (2002, p. 8). O acontecimento, por sua vez, “não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes *no tempo*. O que caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza” (GUIMARÃES, 2002, p. 12).

[...] o acontecimento da enunciação se caracteriza por estabelecer uma temporalidade: um passado, um presente, um futuro. Assim o acontecimento não é um evento ocorrido em algum tempo cronológico. O acontecimento se caracteriza por produzir uma convivência de tempos: o presente da formulação; o passado (um memorável, aquilo que é tomado como memorável); o futuro (uma projeção de sentidos, que também nomeio de futuridade, que se produz pelo acontecimento, e que estabelece uma direção para a interpretação dos sentidos) (GUIMARÃES, 2011, p. 2-3).

O acontecimento, nessa pesquisa, é o momento da entrevista, realizada no mês de março de 2019, no município de Sinop, no Estado de Mato Grosso, que está entre os principais Estados produtores de soja do Brasil, em um período em que existem no país posicionamentos favoráveis e contrários à produção de grãos em larga escala. O acontecimento, então, é indissociável do sujeito falante e dos espaços de enunciação. São, segundo Oliveira (2006, p. 34) sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer.

Os espaços de enunciação são lugares de dizer representados na tomada da palavra, afetados por lugares sociais e podem ser “*individual* (como em “eu declaro”); *universal* (típico do discurso da ciência, sem modalizações, como em “todo homem morre”); *genérico* (como na repetição de um dito popular “quem espera sempre alcança”); e *coletivo* (como em nós, lexicógrafos...)”.

Tem-se a fala da posição de representante dos produtores de soja de Mato Grosso, da posição de presidente da Aprosoja-MT, no mandato (2018/2020), entretanto seu espaço de enunciação é *individual*, como podemos observar no recorte.

Recorte 01

Eu convido **o cara** a ficar sem se alimentar que aí **ele** faz **eu** parar de plantar. Se **ele** acha que aquela natureza destruída pelo produtor rural, que só destrói a natureza, no dia que **ele** parar de se alimentar **ele** vai fazer **eu** parar também de produzir lá no campo. Aí resolvemos todos os assuntos, **ele** apaga a luz dele porque não precisa mais de usina hidrelétrica. **Ele** não pega o carro dele, não vai mais no posto abastecer, porque se não explora mais petróleo (GALVAN, 2019).

Apesar da utilização regular do “eu”, que caracteriza o discurso *individual*, sabe-se que o presidente da Aprosoja-MT fala em nome de uma categoria, de um coletivo de produtores rurais, o que se evidencia na utilização do “ele” apontando para quem não é agricultor.

Recorrendo à Michel Pêcheux (2014), na Análise do Discurso materialista histórica, entende-se a posição-sujeito como a relação de identificação que se dá entre o sujeito que enuncia e o sujeito do saber, que é a forma-sujeito. O presidente da Aprosoja-MT enuncia do lugar de quem vê a terra e a economia como questões de sobrevivência humana e que são compreendidas de forma diferente por produtores rurais e por trabalhadores da cidade.

Recorte 02

Eu acho que o **urbano** deveria se **interiorizar** um pouco mais e realmente conhecer. Como eu falei a gente tem a biodiversidade que ela tem que ser mantida, mas não depende dessa necessidade toda. Logicamente que dentro

da possibilidade do uso desse solo para **sobrevivência** do ser humano, porque tudo sai dele. Eu desafio alguém chegar num comércio qualquer hoje, de um centro **urbano** e dizer que alguma coisa que está lá à venda, dizer que ela não partiu do **interior**, ou seja, da **natureza**, ou seja, de cima do **solo** ou abaixo do solo. O próprio petróleo vem da onde? O próprio minério vem da onde? O próprio alimento vem da onde? A madeira que você precisa, o tecido que é da roupa que você veste. De alguma forma ele tem que vim desse solo. Então, você tem que ter uma grande parte dele, sim, utilizada para se produzir o alimento, a tua vestimenta, o teu carro para você usar. Isso tem que ser explorado com certeza absoluta. Isso foi colocado com esse objetivo dentro da necessidade de sobrevivência do ser humano, **você vai buscando ai da natureza sua sobrevivência** (GALVAN, 2019).

Percebem-se que quando o sujeito, enunciador, ocupa um lugar na sociedade - neste caso o de presidente de uma associação de produtores rurais - seu dizer é sustentado de acordo com as condições em que ele é enunciado e a posição em que ele ocupa, evidenciando a relação entre a situação e a posição. O ‘urbano’, no dizer do presidente da Aprosoja-MT, refere-se à quem mora e trabalha na cidade. Já o ‘interior’ aponta para o trabalho no campo, às propriedades rurais, às atividades com o solo e a natureza, apresentadas por ele como condições para a sobrevivência humana.

Sustentável é a designação do desenvolvimento

Conhecendo o enunciador e o momento da enunciação, passa-se para a busca pela compreensão dos sentidos do enunciado ‘desenvolvimento sustentável’ para o presidente da Aprosoja-MT. Para isso, faz-se necessário observar o modo como esses elementos linguísticos se relacionam. Atravessando o efeito de evidência, volta-se a atenção para a designação, para “o conjunto de determinações do nome numa dada enunciação” (OLIVEIRA, 2006, p. 24), nesse caso o dizer do presidente da Aprosoja-MT.

Para a Semântica da Enunciação, a *nomeação* é o funcionamento pelo qual algo recebe um nome, e a *designação* é a significação de um nome:

[...] mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (GUIMARÃES, 2002, p. 9).

Sendo assim, como, ao dizer ‘desenvolvimento sustentável’, o presidente da Aprosoja-MT fala sobre ‘desenvolvimento sustentável’? Lancemos o olhar sobre um recorte da entrevista, entendendo que a designação um processo pelo qual os nomes identificam aquilo sobre o que falam.

Recorte 03

A grande descoberta do ser humano, que ele vivia como nômade, que buscavam onde tinha alimentos, períodos melhores do ano, quando ele aprendeu a produzir. A natureza foi colocada para proteger o solo até o momento que o homem, o ser humano precisa dela. Para você poder **utilizar aquela terra para produzir o seu próprio alimento**. Hoje principalmente como está centrado no centros urbanos, 90% da população praticamente depende daquele alimento. Tudo tem que ter equilíbrio, **o uso do solo para produção da sustentabilidade** e logicamente também que a gente depende de ter natureza intacta lá, guardada também, mas não é da forma que a população pensa, do tamanho e da quantidade, principalmente sendo um país hoje que nós temos aí dois terços dela preservados, já como comprovado aí com vários trabalhos com a Embrapa, a própria Nasa, ainda preservados na forma natural (GALVAN, 2019).

Nesse enunciado, percebe-se que ‘utilizar aquela terra’ e ‘o uso do solo’ referem-se, para o entrevistado, ao desenvolvimento que produz a sustentabilidade, aqui relacionada ao alimento e à natureza. Consideremos, então que sustentável, sustentabilidade, identifica o desenvolvimento, a forma de utilização da terra, de produção do alimento, de interferência na natureza.

Guimarães (2002, p. 10) afirma que o que uma expressão referencial faz é denotar um objeto em uma determinada frase, pois “toda a significação é reduzida à referência”. Assim, é possível que uma mesma expressão possa referir-se a coisas diferentes.

Pensando sobre a determinação - “um elemento do mesmo enunciado se relaciona a outro do enunciado de tal modo que um é tomado como centro e o outro apresenta uma característica dele” (GUIMARÃES, 2006, p. 132) – pode-se dizer que ‘desenvolvimento’, é o centro do enunciado, tendo o ‘sustentável’ como sua característica. Vejamos parte da entrevista:

Recorte 04

Eu acho que o desenvolvimento sustentável é um todo e a sustentabilidade para mim galga em três pilares: o econômico, o ambiental e o social. Ninguém faz o sustentável aí, e dizer a questão ambiental, e nem o social, se você não tiver o **econômico** em primeiro lugar. Se você olhar para um bairro hoje, uma cidade onde se tem o poder econômico mais concentrado naquele bairro, naquela cidade, a parte mais limpa da cidade é cuidada por todos os moradores. Se você olha hoje nas periferias das grandes cidades, como eu passei recentemente em Brasília, na periferia de Brasília, chega a ser uma vergonha. Então, para mim, **o pilar de qualquer cidadão**, que todo mundo busca... você não tá lá na escola pra bonito, você tá lá na escola para buscar maior conhecimento para melhorar o seu econômico. Então ele galga nesses três pilares, mas o primeiro **é o econômico**. Duvido que quem não tem o econômico... Vamos dizer que você tem só um prato de comida, que você vai dar para alguém que chega pedindo na sua casa. Você pode dar uma vez, mas tu só faz o social, se tu tiver uma situação econômica razoável. E você **preserva o ambiental** quando você também tem uma **situação econômica razoável**. Mas se tua **situação econômica é péssima, tu vai usar o**

ambiental para sobreviver, você vai tentar fazer o social como uma forma de sobreviver, e tu busca como? Usando suas reservas que você poderia, que você teria, que poderia ser conservado (GALVAN, 2019).

Visto que a enunciação é o sujeito na linguagem e a designação o que nos permite compreender como as coisas existentes são referidas enquanto significadas em uma relação tomada na história, percebemos que, neste enunciado, a palavra desenvolvimento é o determinado e sustentável é o determinante. Na relação determinado-determinante, constitui-se o sentido. O enunciado sustentável determina o desenvolvimento, é uma característica, e os sentidos que se constituem apontam para a economia, o ambiental e o social. O desenvolvimento apresenta-se em relação à economia, enquanto a sustentabilidade se significa como o ambiental e o social, em uma relação de paráfrase.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização (ORLANDI, 2015, p. 34).

Observa-se, assim, que no dizer de do presidente da Aprosoja-MT, o desenvolvimento está significado em uso do solo, produção de alimento, e a sustentabilidade volta-se ao social e ambiental, que só acontecem quando há uma situação econômica estável.

No enunciado “Ninguém faz o sustentável aí, e dizer a questão ambiental, e nem o social, se você não tiver o econômico em primeiro lugar”, que integra o Recorte 04, percebe-se a priorização do “econômico” em detrimento do ambiental e do social. E no enunciado “preserva o ambiental quando você também tem uma situação econômica razoável. Mas se tua situação econômica é péssima, tu vai usar o ambiental para sobreviver, você vai tentar fazer o social como uma forma de sobreviver”, presente também no Recorte 04, novamente o fator econômico e determinante em relação aos enunciados “ambiental e social”, apontando que é necessário sobreviver e isso é determinado pelo econômico, no dizer do presidente da Aprosoja-MT.

Defensivos agrícolas para o desenvolvimento sustentável: um questão ideológica e interdiscursiva

Entendendo que não há controle sobre os sentidos, não se sabe de onde eles vêm, porque para que nossas palavras tenham sentido é preciso que elas *já* tenham sentido, conforme explica Orlandi, observemos a relação de sentidos entre desenvolvimento

sustentável, produção de alimentos e de defensivos agrícolas, no dizer do presidente da Aprosoja-MT.

Recorte 05

Depois que surgiu **defensivo** que a gente conseguiu **aumentar a produtividade**, aumentar a própria produção. O **defensivo** nada mais passa do que o **remédio** da planta, aquele que tu vai lá na farmácia comprar para matar a tua moléstia que te incomoda. Porque o que tu compra na farmácia trata de remédio, mas na verdade é veneno. Os mesmos princípios ativos utilizados na agricultura que tem dentro da farmácia. Só que na farmácia eles deram o nome de remédio, mas é remédio para quem? Para o ser humano, mas para praga que tá incomodando ele no organismo. A mesma coisa lá na agricultura, você tá comprando o remédio da planta. Ele se torna veneno, esse defensivo, pro inseto ou pra erva, alguém que queira tomar o teu alimento lá. Então, é uma distorção muito grande, feita pela sociedade principalmente por pessoas mal-intencionadas e desinformados que tratam o defensivo agrícola como veneno. Ele é o veneno da praga que quer comer o alimento que a gente está produzindo para nós (GALVAN, 2019).

O presidente da Aprosoja-MT, interpelado pela ideologia utiliza a palavra defensivo e não agrotóxico para se referir a inseticidas, pesticidas. O defensivo, no dizer do agricultor, está associado ao sentido de defesa da plantação e ao sentido de desenvolvimento econômico, na proteção da produtividade. Ao dizer “você tá comprando o remédio da planta”, o presidente da Aprosoja-MT coloca o foco na plantação, assim, defende-se a planta, em uma relação de desenvolvimento da agricultura. O defensivo permite o aumento da produtividade, o desenvolvimento, o sucesso econômico, sustentando o pré-construído de todo agricultor que cuida e protege a plantação, para dela retirar o sustento econômico da família. Aproxima-se sustentabilidade quando diz que o defensivo é o remédio que garante o alimento, apontando para o social.

A memória, aqui, é entendida seguindo os preceitos de Pêcheux (2015): “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita nas práticas, e da memória construída do historiador” (PÊCHEUX, 2015, p. 44), e não no sentido da memória individual:

É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos: eles não retomam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem (ORLANDI, 2015, p. 52).

Há o funcionamento do interdiscurso, da memória discursiva. O entrevistado é representante dos produtores rurais que tem como pré-construído que é indispensável, plantar,

colher, trabalhar a terra para alimentar o mundo. Percebe-se uma relação entre defensivo – produtividade – desenvolvimento – sustentabilidade, em que o enunciado desenvolvimento está determinado pela proteção da produção agrícola na relação que garante e sustenta o fator econômico como prioridade.

Considerações finais

Nesse percurso analítico, ao lançar-se o olhar para a enunciação do presidente da Aprosoja-MT, compreende-se que a polissemia é parte constitutiva do enunciado ‘desenvolvimento sustentável’, mas que no dizer do representante dos produtores rurais do Estado de Mato Grosso, ele se apresenta em relação de paráfrase, retomando espaço da economia e dos aspectos financeiros. Defensivo agrícola está em uma relação de paráfrase com “aquele que protege”, “cuida” da plantação. Desenvolvimento se constitui enunciativamente como economia e sustentável tem sua significação afetada pelos fatores ambiental e social, em um funcionamento de sobreposição pelo econômico/sobrevivência.

Referências

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Semântica e Pragmática. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 115-146.

_____. Língua, enunciação e produção de sentido. In: *Revista Línguas & Letras*. Número Especial – XIX CELLIP. 2011.

OLIVEIRA, Sheila Elias de. *Cidadania: história e política de uma palavra*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 12.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Capítulo III – Parte 1 - Análise automática do discurso (AAD-69). In GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução: Bethania S. Mariani [et al]. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014. p. 11-38.

PITOMBO, Tânia. Políticas públicas e a noção de desenvolvimento sustentável no espaço amazônico. In: Dias, M. P. L. et al. *Amazônia: visão caleidoscópica*. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

SUSTAINABLE DEVELOPMENT: AN ENUNCIATIVE APPROACH ON THE SAYING OF RURAL PRODUCERS IN MATO GROSSO

ABSTRACT

Sustainable development is a recurring statement in conversations, reports, lectures, projects. Just like the frequency of their use, the meanings attributed to those words are multiple. This article has as corpus analysis five clippings of an interview with the president of the Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja-MT). When performing the analytical path, the meanings of 'development' and 'sustainability' are mobilized in search of understanding of how the utterance means for the category of rural producers in Mato Grosso. The study has the Semantics of Enunciation as the main theoretical-methodological proposal, following precepts of Eduardo Guimarães.

Keywords: semantics of enunciation, sustainable development, agriculture.

Recebido em 20/04/2020.

Aprovado em 05/06/2020.